

Silêncio de seu nome. AuSente _ Há um Quadro Negro, ou o silêncio do ponteiro part_ido

Entre dois espelhos a gerar *infinito*, estacionemos então todas as peças de *esGrita*, como a do *fácies* do **quadro negro**. E temos Samira Makhmalbaf gerando o tangível, da intangível pintura em quadrado negro de Kasimir Malevich, que me chegou, de novo, um dia trazida por Maria Estela Guedes. A esse *escuro fundo*, o *fundo*, chamaríamos: *o tempo*. Há sim os ponteiros marcadores do *tempo ido*. Mas também ***ru_ídos do silêncio do ponteiro part_ido***. (Uma história numa aula no "Estado Novo", num lugar do Jaime Moniz, que não vou contar. Não há silêncio bastante para a escutar). Vivemos em convulsivas *lixeiras sonoras* a que chamam *sociedade*. Sem *vanguardas puras*. Com *guardas vãs*.

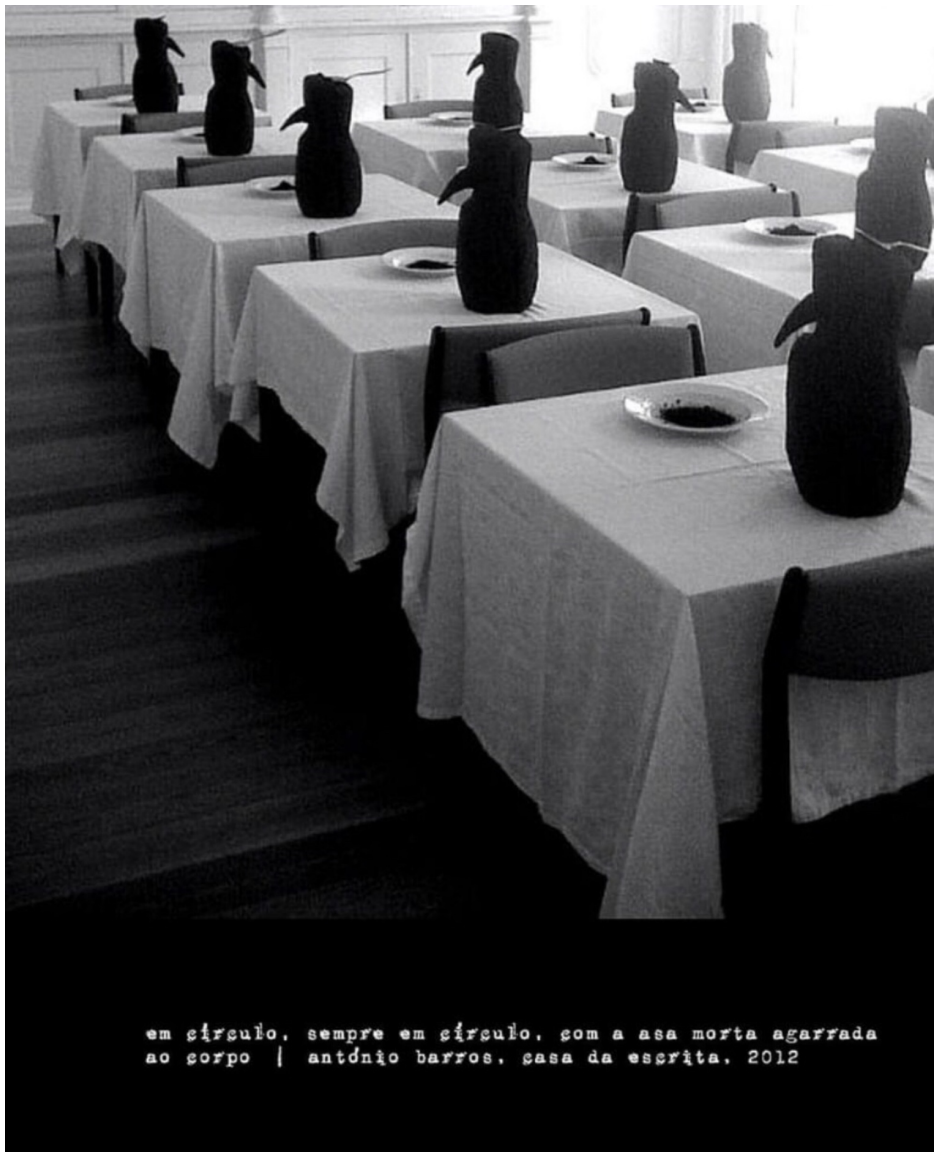
Ficam assim, breves dizeres, os meus, da história ***Das Vanguardas em Portugal***. Estórias, essas acesas de *palavras lava*, as que não vou contar, trazem um nome — ***silêncio***. Coimbra traz uma *madrasta dentro*, cega, que já disse a tantos — *esqueci seu nome*. Confessou-me um dia um neorrealista poeta Amigo, o Joaquim Namorado, avisando-me — "Coimbra é ... bonita, mas estéril".

Então, migrantes, *navegamos para dentro do espelho*, o da água. Em regresso. É este um país d'água. *Tanto mar* — Esse mar, contemplando-o encimado-nos num bloco de basalto, olhe-se o que se desenha numa linha do horizonte. Um fio esticado que na rugosidade das letras em soltura diz a palavra *vanguarda*. Bem ao fundo. No fundo. O fio, esse fio, anela-se nos dedos, entre os 5 dedos, *todos os dedos da mão*. ***Das Vanguardas em Portugal — dá-me a mão, não as luvas!***

Posfaciando, sem guardas, ou o que guardas

Posfaciar traz a memória, e a memória traz a Páscoa, aquela em que Julian Beck e Judith Malina, e a comunidade volante The Living Theatre vieram, com José Ernesto de Sousa, *vivenciar* connosco a Coimbra. *Numa outra Coimbra*, a que Ernesto bem relata nos seus livros, esses do *ser ... em Portugal*. Momento único, foi esse à mesa gerada pelos cavaletes de pintor, vinho, pão ázimo ... e a poesia da *beat generation* ao fundo. A voz de Beck ainda se ouve, sem guardas. O que guardas. E assim ficou o lugar na sua ausência. Colecionando: *chegadas, passagens e ausências*. Como um pássaro alvejado na asa [*esculpo o voo, não a ave*, disse o escultor]. Mas porque fica sempre a cidade sem cAsa. Sem asa. Madrasta.

Coimbra, cidade madrasta afogada numa ***autista*** ingratidão, ***em círculo, sempre em círculo, com a asa morta agarrada ao corpo*** [2], é esse o lugar comprometido, *em si metido*. Lugar onde, aí, se em 5 décadas geraste para a comunidade milhares de originais projectos e programas, hoje, para a cidade, é como que nunca lá tivesses estado — ***auSente, preSente, s(e)Ente***. Aí também passaram: **AA** e **HH** [António Aragão | Herberto Helder], mas uma *cortina escura*, aí perdura. *Dura, dura dura a ditadura*.



O preço de ser *Vanguarda* — colocar os bigodes na Gioconda — tem um nome que não vou dizer, e porque ela, a vanguarda, tanta *ouSadia*, diz-se em Si. Ser o Si. Nessa *Música em Si*. Si, de *Silêncio* [1]. Silêncio ao fundo. Fundo desdito. **Le silence est fait de paroles que l'on n'as pas dites** (Marguerite Yourcenar).

Em Coimbra, nesse lugar bem fundo, ao autor que vivia apagando letras, palavras, para gerar *palavras novas, outras*, num *outro dizer, dizeres num novo dizer poesia: _diSer* — a cidade quis apagá-lo. Mas deu ele **um grito, não um BERRO**. Vertical na sua identitária, e distintiva, **escrita_esGrita** [3], seguiu sempre em luta. Segurando, fazendo por segurar tanto, até as árvores e seus ramos em arte, tantas como os **5 Plátanos** [4]. "Jardineiro" d'almas, almas sem palmas — **Das Vanguardas em Portugal**. Vanguardas. *Guardas, vãs?* Para além do vão. **Avançadas! Para além da utopia.**

António Barros, Coimbra, VR, 31 de março de 2024

[1] Museu da Presidência

[2] Casa da Escrita

[3] CAAA

[4] po-ex.net/

Das Vanguardas em Portugal e seus balizamentos logo traz uma moldura de encontros vivenciados e o que deles resultou de *contaminações*. E uma catalogação é sempre perigosa, pois tem tanto de inglorio como de injusto. Ou então vejamos: **Almeida**, Helena; **Afonso**, José; **Ballester**, Enric Tormo i; **Barreto**, Jorge Lima; **Beck**, Julian; **Bordons**, Glòria; **Carneiro**, Alberto; **Castro**, Lourdes; **Ferlinghetti**, Lawrence; **Filliou**, Robert; **Helder**, Herberto; **Malina**, Judite; **Monk**, Meredith; **Nunes**, Emmanuel; **Oldenbourg**, Serge III; **Santo**, Alda Espírito; **Schafer**, Raymond Murray; **Sousa**, José Ernesto de; **Vostell**, Wolf; habitam uma *paisagem da memória*, e porque estivemos juntos, uns horas, outros dias, outros anos. E logo sentimos aqui uma dificuldade maior em definir *vanguardas*. E a certeza de quanto o definir traz de inutilidade. Mas aprende-se sempre. Aprende-se. E tanto para além do preto e do amarelo que o Jorge Luis Borges lamentou não voltar a ver.

VIVER



NÃO
VIVER

VI_VER

Uma das linhas distintivas da *esGrita*, consequente, que procuro gerar, é a sua capacidade de ser uma convulsiva metamorfose quotidiana — respire-se nos metafóricos jardins de Brossa — nesse *Alvoro*.

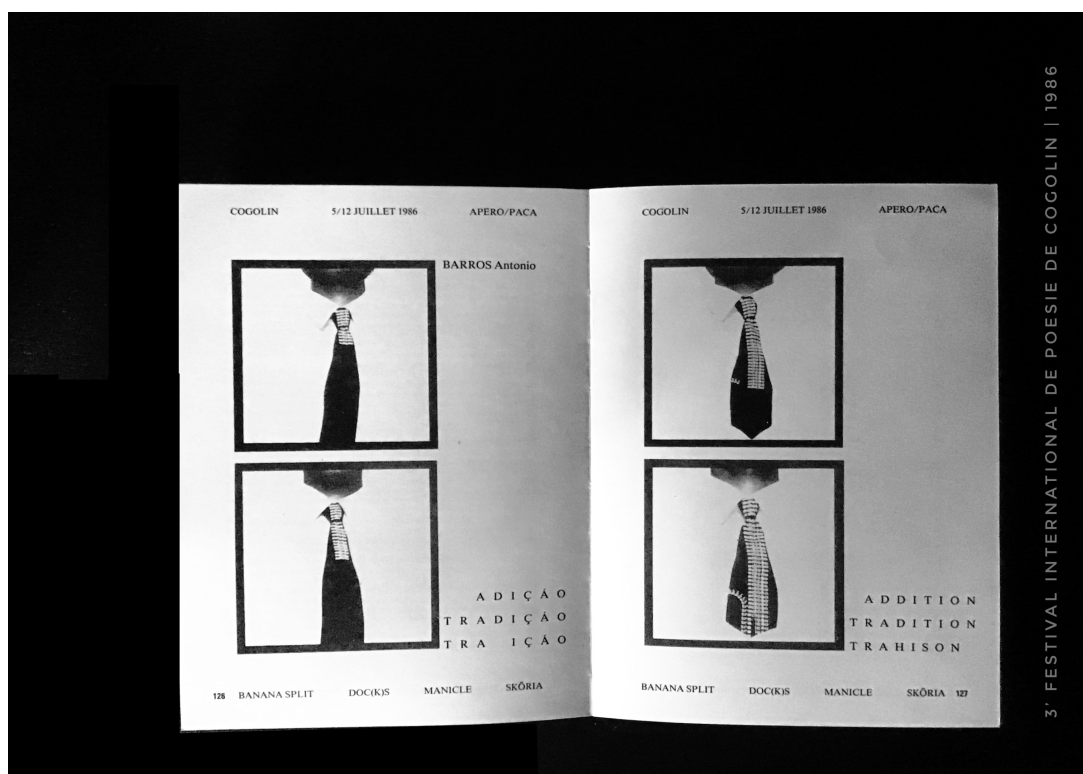
Assim, a releitura do texto de 1976 ["VIVER/NÃO VIVER"], hoje reencontra os suspiros de PPPasolini [MORALE: *essere morti o essere vivi è la stessa cosa*], obriga-se a um mudar de sentido (de alinhamento na leitura) numa leitura gerado, na *esGrita* de hoje, uma outra *palavra de ordem*, agora: "NÃO VIVER\|VIVER". *Vi Ver. Vendo*, e logo temos deste, um outro *texto-objecto* que lhe foi contemporâneo: "Ver_dade/|gnOrar". VER. Vi_VER. VIVER. Nesse não *esqueCimento*, betonizado, pois "la lutte de l'homme contre le pouvoir est la lutte de la mémoire contre l'oubli" (Kundera).



Multidão em lava, diz a palavra Silêncio



"**Não há Vanguarda sem Tradição**", é marca nominal identitária e distintiva de José Ernesto de Sousa nos anos setenta, e 50 anos depois ilustrou-se numa *escultura social. Performance colectiva*, um gesto de *arte em espaço público*, onde milhares de cidadãos, homens e mulheres, vestindo camisa branca com gravata preta, fato preto e um manto negro sobre as costas, apelaram durante 35 minutos ao **Silêncio**, desígnio de cidadania. Aconteceu numa cidade portuguesa, a 24 de maio de 2024, em volta de uma Catedral. Vozes solenes, em *balada*, traziam ao fundo sons de guitarra, tão na senda das *melodias* que Carlos Paredes nos ensinou a trazer em dignidade. Tanta dessa **NostAlgia**. Dessa: **TrAdição**. Sem vazia **adição**, sem **traição**.





"O Homem é a mais insana das espécies. Adora um Deus invisível e mata a Natureza visível... sem perceber que a Natureza que ele mata é esse Deus invisível que ele adora", alerta-nos Hubert Reeves nas suas *inquietações* ao olhar um retrato do mundo.

E retratar o mundo foi distintivo da cultura Fluxus, essa que José Ernesto de Sousa quis trazer para Coimbra, Ernesto, este *missionário das artes* que assumiu como marca nominal que "**não há vanguarda sem tradição**". Alberto Carneiro, na sua obra artística e pedagógica, em Coimbra divinizou a Natureza. Com o Fluxus estive com Robert Filliou a sul do Tejo. Com Serge III Oldenbourg na fronteira norte no Minho. Fui ter com Wolf Vostell a Leverkusen, sua terra natal, e no *Círculo*, em Coimbra, o recebi.

Coimbra traz gravata preta em multidão por tradição de lutos e lutas. Lutas convulsivas. As tangíveis e as intangíveis aí couberam. Trago essa gravata preta símbolo da hermenêutica crescente e constante que escrevo em esGrita neste tempo de guERRA. Neste mundo que erra. Nesse tempo primeiro, nos anos setenta, diziam os niilistas — "Deus morreu, Marx morreu, e eu já não me sinto muito bem". Hoje diz-nos Giorgio Agamben — "Deus não morreu, deus é o dinheiro". E a convulsa noção de que só o Poder traz o dinheiro. E tanto do que daí obriga duvidar num cenário de competições com o gRito de Maria Montessori ao fundo — "educar para a competição é o princípio de qualquer guerra". Haverá ainda, em vigor, o poder ou(t)ro, o da Arte, da Poesia? A gravata negra hermenêutica questiona em Arte e Poesia: **Pela Liberdade a gravata preta antes lutou no luto, hoje traz o luto da luta.** Da luta por uma Liberdade outra, **Escravos, ainda.**

[na imagem: Revisitação da *artitude*: "VEntRe", Museo Vostell Malpartida, Cáceres, António Barros, 2023, Peça obgesto em: "ESCRAVOS.IINSULAE_Do 25 de Abril, 50 anos depois", Galeria dos Prazeres/MUDAS.museum, Madeira, 2024].

A arte não se ensina, arte é sina que ensina, em si. E o livro é convulsivamente seu suporte, também. Do objecto-livro ["25 de Abril, 50 anos depois"], ao Livro-habitado, a residir ["da flor, esse rosto de esGrita"], ou mesmo a Cidade-Livro ["Se vão da Lei"], os Livros de Artista (d)enunciam o canto da rola turca ["J'Existe!"]. Geram uma narrativa para a História, e para além de *estórias feridas residentes na mitologia local*. Livros livres. Livros de poesia, e lá temos Jorge Luis Borges conjugando: Poema_Tempo_Elegia. A exemplo, a *palavra lava*, essa *lava*:

"**Vulcânico PaLavrador_uma elegia a António Aragão**", de António Barros, em edição de Livro de Artista, e na colecção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, integra a exposição "Libros de Artista y Edición Independiente", na **Biblioteca Nacional de Buenos Aires**, de 2 de maio a 14 de junho de 2024, em "Libros de Artista y Edición independiente". Curadoria de Ana Barata.

LIBROS DE ARTISTA Y EDICIÓN INDEPENDIENTE

Artist Books and Indie Publishing

Colección de la Biblioteca de Arte de la Fundación Calouste Gulbenkian
Calouste Gulbenkian Foundation Art Library Collection

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



C I U D A D
Lisboa
Cidade Criativa da UNESCO
Fórum Internacional de Livros
Buenos Aires 2024
I N S P I R A C I O N







Há uma vascularização que comunga o sentido colhido dos ramos arbóreos — registo colhido no Jardim Joan Brossa, Barcelona —, com a subida da maré nas basálticas praias de areia negra — as do Funchal de António Aragão e Herberto Helder. Este desafio *performativo* nutriu muito do caminho de procura das tangíveis *contaminações* aqui encontradas. Condição estrutural geradora das *vanguardas dialogantes*. Há assim nestes *obgestos* um jogo a desafiar as rédeas *algorítmicas impostas* — um *escravo* que com o lápis *escava* o tronco, e o *escravo* que *escreve* com o ferro na semente.

Comungam assim: *alvo #1* e *alvo#2*, 2024, António Barros, para a colecção do Teatro Baltazar Dias, Câmara Municipal do Funchal, bastidores da operação: *Triplov_ Das Vanguardas em Portugal_ tantoS deSSeS deSaSSoSSegoS*, abril-maio 2024.

Das Vanguardas em Portugal
tantos deses deasossegos

TRIPLOV

"Quando se começa a fazer Arte, toda a gente está no seu estúdio - o passado, os amigos, os inimigos, o mundo da Arte e, acima de tudo, as suas próprias ideias -, estão lá todos. Mas à medida que continuam a fazer Arte, eles começam a partir, um a um, e tu ficas completamente sozinho. Depois, se tiveres sorte, até tu te vais embora".

JOHN CAGE



MOSSES
legados da memória
Das Vanguardas em Portugal

TRIPLOV

**NOTA FINAL _OU: COM ARTITUDES, SER ARTOR DE UMA ARTE DE ACÇÃO
GERANDO OBGESTOS, E PROGESTOS, NUMA ESGRITA À LIBERDADE**

"**Das Vanguardas em Portugal_tantos deSSES deSaSSoSSegoS**" — TRIPLOV, revista, maio 2024, é um *manifesto* que se junta a: "**Anos 80 – Em modo Testemunho**" – **Arquivo Digital da PO.EX**. São ainda estas reflexões parte integrante de uma colecção de *esGritas* onde cumpre referir: "**Uma Luva na Língua**" — objecto-livro, *assemblage*, em preparação para a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, 2024-2025; "**re_Florigen**" — Revista Islenha #74, 2024; "**Da palavra esGrita**", livro antológico em processo de edição, DRC_GRAM, 2024. Nesta órbita de testemunhos vale referir: "2 jornais: **Coisas reais**, e **escrita_esGrita**" — CAAA, 2014-2024, com testemunhos do Comendador Ernesto Melo e Castro, e do Reitor da UL_Universidade Lusófona, Professor José A. Bragança de Miranda; como também "**Alvoro**" — MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira, com apresentação do Poeta Cardeal José Tolentino Mendonça. Em preparação no ILCML_Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Universidade do Porto, 'Mesa Redonda de Homenagem às 5 décadas de Obra', e a publicação do livro: "**Das Artitudes aos Obgestos**", março 2025. Nesta celebração dos **50 anos de actividade artística** do autor, juntaram-se: CAAA_Centro para os Assuntos da Arte e da Arquitectura; Teatro Baltazar Dias; Galeria dos Prazeres, com MUDAS.museu; MNAC_Museu Nacional de Arte Contemporânea; MuseuSerralves; MVM_Museo Vostell Malpartida; Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa_Universidade Fernando Pessoa; Universidade do Porto - ILCML; Fundação de Serralves; Fundação Bissaya Barreto; Museu e Bibliotecas do Porto; Biblioteca Pública Municipal do Porto; A25A_Associação 25 de Abril; Museu da Presidência da República; e as revistas: Islenha, Revista Cultural; e Translocal, Culturas contemporâneas locais e urbanas, Funchal; AVM; e Triplov, Revista de Artes, Religiões e Ciências, Lisboa.

[o autor, António Barros, nos *50 anos da sua Actividade Artística*, dedica a celebração a Alfredo Gomes de Barros, no centenário do seu nascimento]

O autor agradece a: Augusta Villalobos Nascimento, Hélder Folgado, António Luís Catarino, Rui Torres, Ricardo Areias, Maria Luís Neiva, Rodrigo Areias, Vítor Magalhães, Sandra Nóbrega, à Câmara Municipal do Funchal, e, a Maria Estela Guedes.